

# MEMÓRIA (I) MATERIAL DA PRAÇA DO INFANTE, PORTO

CARLA MARIA BRAZ MARTINS\*  
PAULA BARREIRA ABRANCHES\*\*

**Resumo:** Este artigo pretende dar a conhecer o enquadramento histórico e arqueológico da Praça do Infante, situada na freguesia de S. Nicolau no Porto, proporcionado pela construção de um parque de estacionamento subterrâneo.

Esta praça insere-se no espaço urbano da Zona Histórica do Porto, tendo-se considerado relevante a coordenação de trabalhos de prospecção geofísica com os arqueológicos. Assim, os primeiros condicionaram a localização das sondagens arqueológicas, que uma vez concluídas nos revelaram uma sequência ocupacional desde o século XVII ao século XX, apesar dos vestígios materiais remontarem à época romana. Hoje, esta praça é um reflexo frustrado do outrora fervilhar comercial e humano que as memórias materiais não conseguem glorificar.

**Palavras-chave:** Intervenção arqueológica; espaço urbano; época moderna contemporânea; Porto.

**Abstract:** This paper intends to present the historical and archaeological background of the Praça do Infante, located in the parish of S. Nicolau, Porto, based on elements provided by the construction of an underground car park.

This square is part of the urban area of Porto's historical zone, in which the coordination of the works of geophysical prospecting with archaeological ones was considered relevant. Thus, the former determined the location of the archaeological surveys, which, once completed, revealed a settlement sequence going from the 17<sup>th</sup> century to the 20<sup>th</sup> century, despite material remains dating back to Roman times.

Today, this square is a mere flicker of the commercial and human bustle which the material memories cannot glorify.

**Keywords:** Archaeological surveys; urban space; Early Modern/Modern times; Porto.

## 1. INTRODUÇÃO

O projecto de construção do actual parque de estacionamento subterrâneo na Praça do Infante D. Henrique (freguesia de S. Nicolau, Porto) motivou e possibilitou a execução de trabalhos arqueológicos, com vista a identificar e salvaguardar eventuais vestígios da anterior organização espacial urbana desta área da cidade do Porto (Figura 1).

Após uma prévia avaliação documental da responsabilidade do Gabinete de Arqueologia Urbana da Câmara Municipal do Porto (1997), uma equipa da Universidade de Aveiro realizou um estudo de prospecção geofísica (1998) cujos radargramas impuseram uma implantação de sondagens arqueológicas de avaliação (1998). Os resultados destas tiveram como consequência um alargamento da área intervencionada (1999) que, por sua vez, levou ao acompanhamento arqueológico da empreitada de construção do referido parque no período 2000-2001.

---

\* CITCEM, UM; bolsista da FCT (BPD); Colaboradora externa da FEUP.

\*\* CITCEM; Archeo'Estudos, Lda.



Figura 1 – Praça do Infante D. Henrique em 1998.

## 2. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

O local onde se inseriram os trabalhos arqueológicos – Zona Histórica do Porto – tem uma longa ocupação humana e está abrangido no perímetro da área *non aedificandi* da Casa do Infante, Monumento Nacional<sup>1</sup>.

De longa tradição histórica, as suas origens estão pelo menos documentadas em tempos medievos, com importantes construções religiosas, tais como o Convento dos Frades Observantes de S. Francisco, cuja construção se iniciou em 1233<sup>2</sup>, e o Convento de S. Domingos, fundado entre 1239 e 1245, que se localizaria entre a Rua das Congostas e a da Ferraria de Baixo<sup>3</sup> (Figura 2).

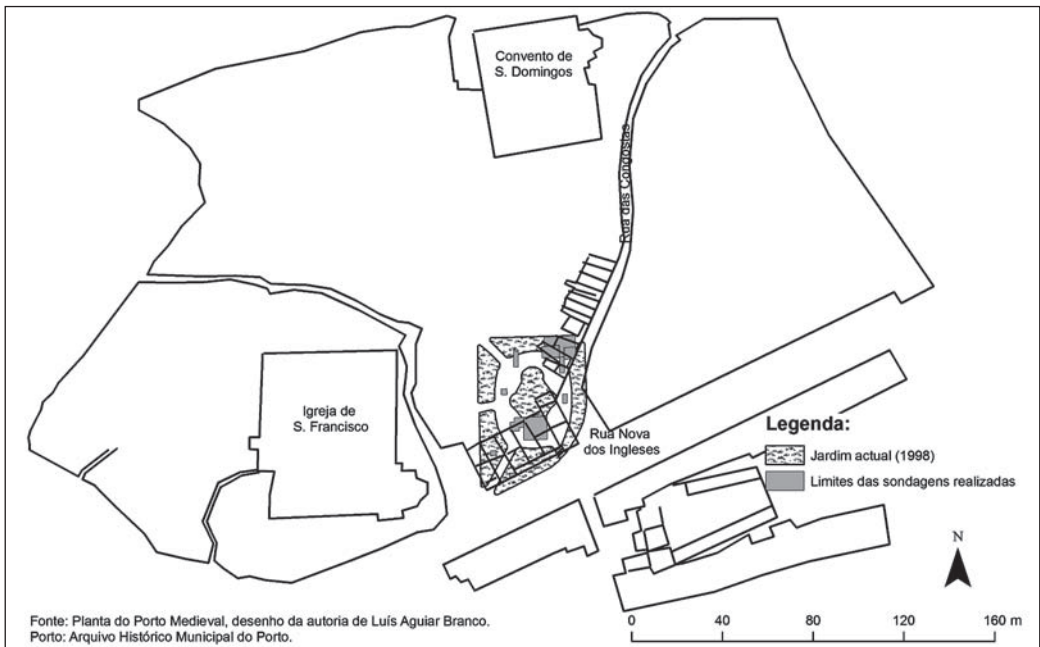
Os terrenos pertencentes ao Convento de S. Domingos estender-se-iam até ao rio Douro, existindo uma conduta de água que não adviria propriamente do referido rio, mas sim de uma mina de água não mui longínqua. O cano condutor destas águas atravessava várias propriedades privadas e como tal frequentemente danificado por animais. Assim, as águas eram facilmente conspurcadas, inclusive com os dejectos resultantes de actividades artesanais que aí se desenvolviam, como o atesta um documento de 1402 relativo à tanoaria de Afonso Martins<sup>4</sup>.

<sup>1</sup> CMPGAU, 1997.

<sup>2</sup> ALMEIDA, 1988: 453; a igreja é de construção mais tardia, 1383-1410.

<sup>3</sup> MORENO, 1985: 57-58. A sua localização é identificada numa planta de Georges Balck de 1813 in REAL, 1992.

<sup>4</sup> MORENO, 1985: 59-61.



**Figura 2** – Planta do local da intervenção na época medieval.

Este local central sempre foi alvo de um grande fervilhar religioso, social e de actividades artesanais e comerciais, merecendo por isso a atenção de diversos monarcas, como é o caso de D. João I, que em finais do século XIV promoveu a construção da Rua Nova, também chamada de Rua Formosa<sup>5</sup>.

A própria rede viária intramuros, em finais do século XIV estruturava-se em torno de dois percursos: um que ligava a Praça da Ribeira à Porta do Cimo de Vila, compreendendo as ruas dos Mercadores, Bainharia, Escura, Chã das Eiras e Cimo de Vila; e o outro unia a Reboleira à Porta do Olival, englobando as ruas da Alfândega, Congostas, Bainharia, Souto e Ferraria de Cima<sup>6</sup>.

Interessa salientar a Rua das Congostas, como sendo uma rua densamente povoada e na qual ainda no século XVII se poderiam ver azenhas aproveitando as águas do rio da Vila<sup>7</sup>.

De facto, no cruzamento desta rua com a Rua Nova, poder-se-ia encontrar também um chafariz de cariz renascentista datado do século XVII que segundo Pedro Vitorino<sup>8</sup>:

*(...) o alçado constava de um corpo central com uma forte cimalha apoiada em colunas caneladas, com capitéis de inspiração coríntia, sobrepujado por um frontão de remate circular, onde se encontravam na frente e aos lados três golfinhos de bocas hiantes; lateralmente, pequenos corpos, com tímpanos curvos de ligação, limitados por pilastras. As bicas eram rasgadas no meio*

<sup>5</sup> SOUSA, 1994: 146; a Rua Nova terá demorado cerca de 100 anos a concluir.

<sup>6</sup> SOUSA, 1994: 143.

<sup>7</sup> SILVA, 1994: 259 e 266.

<sup>8</sup> VITORINO, 1931: 132.

*de cartelas exuberantes, com contornos de feição flamenga. Conjunto de linhas muito equilibradas e de formoso aspecto.*

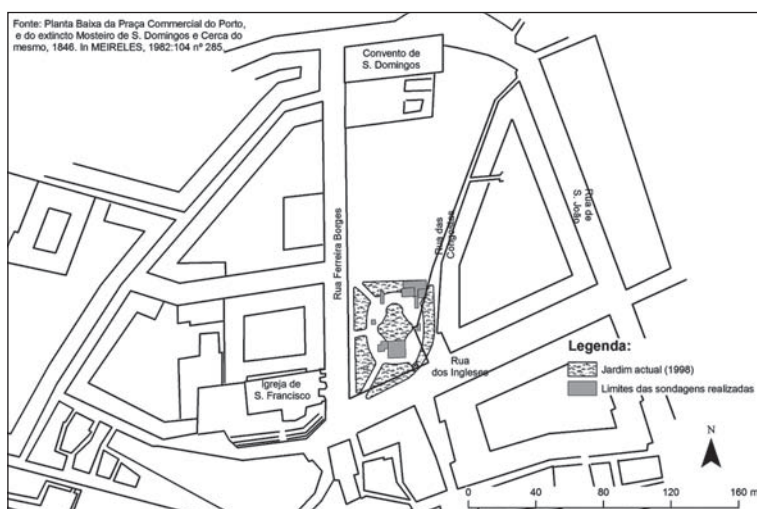
No local desta formosa fonte, destruída aquando da abertura da Rua de Mousinho da Silveira (1882-1883), já anteriormente existia uma outra com mina privativa, ostentando no pináculo do espaldar o escudo real adoptado por D. João II (1481-1495), tendo este servido posteriormente como adorno da fonte das Congostas<sup>9</sup>.

Na realidade, desde o século XVI que se dá uma grande importância ao encanamento de águas e à construção de aquedutos e fontes, como o demonstra o alvará de 1597, onde se refere que a água do manancial de Paranhos seria conduzida para a cidade do Porto, através de aquedutos subterrâneos<sup>10</sup>; o chafariz da Rua das Congostas recebia as águas da Arca do Anjo, fusão das do manancial de Paranhos e Salgueiro, que também alimentavam o chafariz do Mercado Ferreira Borges<sup>11</sup>, reforçadas pelas que vinham do chafariz de S. Domingos (união das águas de Paranhos e Laranjal)<sup>12</sup> e cujos encanamentos se dirigiam para o rio Douro<sup>13</sup>.

Desde inícios do século XVIII que estão documentadas várias actividades nesta rua, como sejam sapateiros, picheleiros (1702), mercadores de ferro e ourives (1780).

O Convento de S. Francisco foi consumido por um incêndio provocado pelas lutas liberais, e de imediato o local foi alvo de remodelações e reconstruções, local preferido para a instalação de bancos, seguros e sedes de empresas comerciais<sup>14</sup>.

No mesmo seguimento, em 1838 iniciou-se a construção da Rua Ferreira Borges e em 1842 o Palácio da Bolsa (Figura 3).



**Figura 3** – Planta do local da intervenção em 1846.

<sup>9</sup> MARÇAL, 1968: 4.

<sup>10</sup> GARRETT, 1961: 198.

<sup>11</sup> MARÇAL, 1968: 14-16.

<sup>12</sup> FONTES, 1908: 36; 1669, documentação relativa a este facto.

<sup>13</sup> Descrição histórica das arcas, aquedutos e fontes do Porto ... em 1838. «Tripeiro». 104 (1913), p. 507.

<sup>14</sup> SERÉN & PEREIRA, 1994: 384.

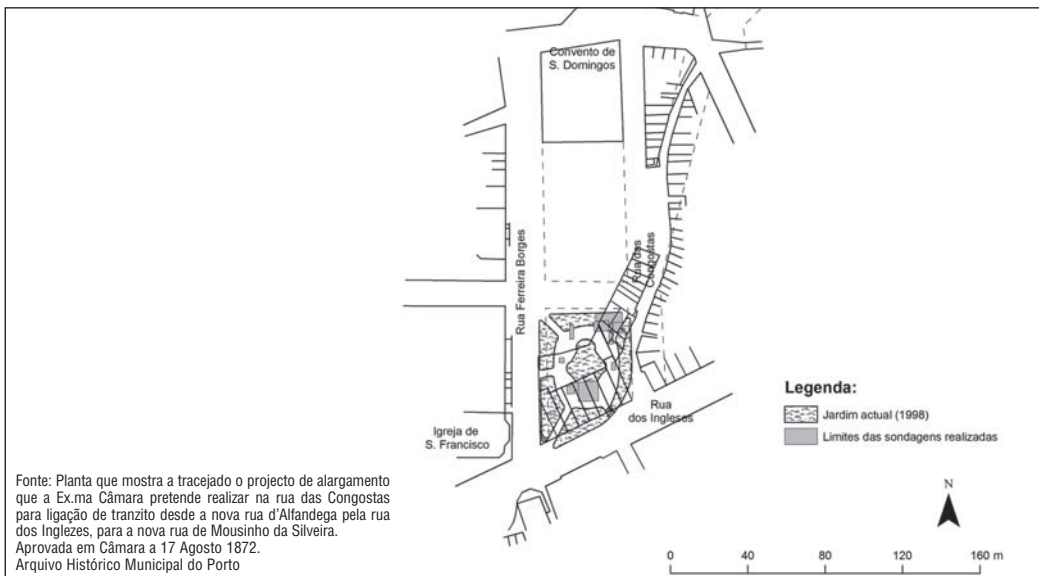
Mas foi com a abertura da Rua Mouzinho da Silveira, que esta zona de alma comercial perdeu as características que durante séculos abrilhantaram este local ribeirinho, estabelecendo-se lojas especializadas de maquinarias e alfaias agrícolas.

A sua abertura foi autorizada em Fevereiro de 1870 e desenvolveu-se essencialmente sobre o Rio da Vila, ocupando parte das vielas da Biquinha e das Congostas, bem como o Largo de S. Roque<sup>15</sup>.

Com a destruição da Rua das Congostas, famosa pelas oficinas de trabalhos em barro, desapareceram alguns bons ceramistas na tradição de Francisco de Pinho, autor de estatuetas de barro cozido, religiosas e profanas: «Officina de escultura e pintura em barro com imagens e figuras de costumes de Portugal Joaquim da Rocha Gonçalves sucessor de Francisco de Pinho Rua das Congostas 23 Porto» (anúncio de 1862-63)<sup>16</sup>. Existe também a informação de que estas peças de barro seriam cozidas em fornos de pão.

Esta actividade aparece-nos comprovada pela grande quantidade de moldes cerâmicos que se encontraram na sondagem F, em local correspondente ao n.º 23.

Em Agosto de 1872 a segunda fase da Rua Mouzinho da Silveira, que desce à Praça do Infante (Figura 4), foi aprovada e como tal, a 1 de Janeiro de 1873 os inquilinos foram desalojados, e em 23 de Janeiro de 1873 iniciam-se as consequentes expropriações. João Filipe de Magalhães Brandão, procurador de sua mulher, Maria Teresa da Conceição Peixoto Brandão, possuidora de quatro residências na Rua das Congostas, assinou um termo de expropriação, por utilidade pública, de parte de três prédios com os n.ºs 21-23, 25-31 e 33-37, ao mesmo tempo que adquiriu uma pequena parcela em frente dos prédios com os n.ºs 17-19 e 21-23, para ir com as frontarias até ao alinhamento.



**Figura 4** – Planta do local da intervenção em 1872.

<sup>15</sup> SERÉN & PEREIRA, 1994: 387.

<sup>16</sup> PACHECO, 1984: 92.

Apesar da construção deste segundo troço da rua em questão se iniciar em 1876, a 7 de Outubro de 1877 ainda foi concedida licença para edificar uma casa com dois andares e águas furtadas no ângulo da Rua Dom Fernando (n.º 1) com a Rua das Congostas (n.º 17-25). Este imponente prédio, cujos alicerces foram postos a descoberto nesta intervenção arqueológica (sondagem F), esteve em funcionamento durante curto espaço de tempo, já que a 5 de Dezembro de 1883 foi expropriado para a construção da Praça do Infante<sup>17</sup>.

Efectivamente, a Rua de Mouzinho da Silveira terminava com uma elegante praça ajardinada – Praça do Infante D. Henrique (1885), na qual se ergueria em 1894 a estátua do Infante de autoria de Tomás Costa. Em complemento, a construção do Mercado Ferreira Borges iniciou-se em 1888<sup>18</sup>.

### 3. OS TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS

Metodologicamente, nesta intervenção arqueológica procedeu-se à decapagem por camadas arqueológicas, segundo a matriz de Harris, tendo-se levado cada uma das sondagens até à rocha base, ou estrutura que justificasse preservar. Na segunda fase dos trabalhos houve necessidade de desentulhar as sondagens anteriormente intervencionadas, nomeadamente as sondagens C e F, pelo que foram requisitados à Câmara Municipal do Porto os meios necessários para proceder à limpeza das mesmas.

Na totalidade, a área aberta foi de 306,45 m<sup>2</sup> distribuídos pelas diferentes sondagens: a sondagem A com 5 m<sup>2</sup>, a B com 5 m<sup>2</sup>, a C com 129 m<sup>2</sup>, a D com 8 m<sup>2</sup>, a E com 14 m<sup>2</sup>, a F com 126,45 m<sup>2</sup>, a G com 14 m<sup>2</sup>, e finalmente a H com 5 m<sup>2</sup> (Figura 5).

A estratigrafia em cada uma das sondagens é de sucessivos entulhamentos e revolvimentos de terras, o que se justifica devido às numerosas alterações ao longo dos tempos, quer para a abertura de novas ruas e novos espaços, quer para introdução de melhoramentos nas condições de vida das populações.

O intuito das intervenções realizadas seria encontrar vestígios dessas metamorfoses; no entanto, pelo que se verificou, o espaço em causa alterou-se irremediavelmente aquando da construção do jardim, e também pela introdução de canalizações e tubagens para a iluminação a gás (tubagens em ferro bem vedadas, que surgem nas sondagens C, D, E e G) e canalização de águas pluviais.

Nos anos de 1854-55, o Eng. Charles Duckers, ao serviço da Companhia de Gás, desenhou uma planta do terreno da Companhia<sup>19</sup>, e Hardy Hislop, empresário da Companhia de Gás, desenhou em 1854 a planta dos candelabros e das consolas<sup>20</sup> (Figura 6).

Em 1882 a Companhia Geral das Águas do Porto iniciou as obras para a distribuição de água, tendo a rede de canalização entrado em funcionamento em 1887<sup>21</sup>.

<sup>17</sup> Nesta altura a sua proprietária é Maria Joaquina de Pinho e Costa, viúva.

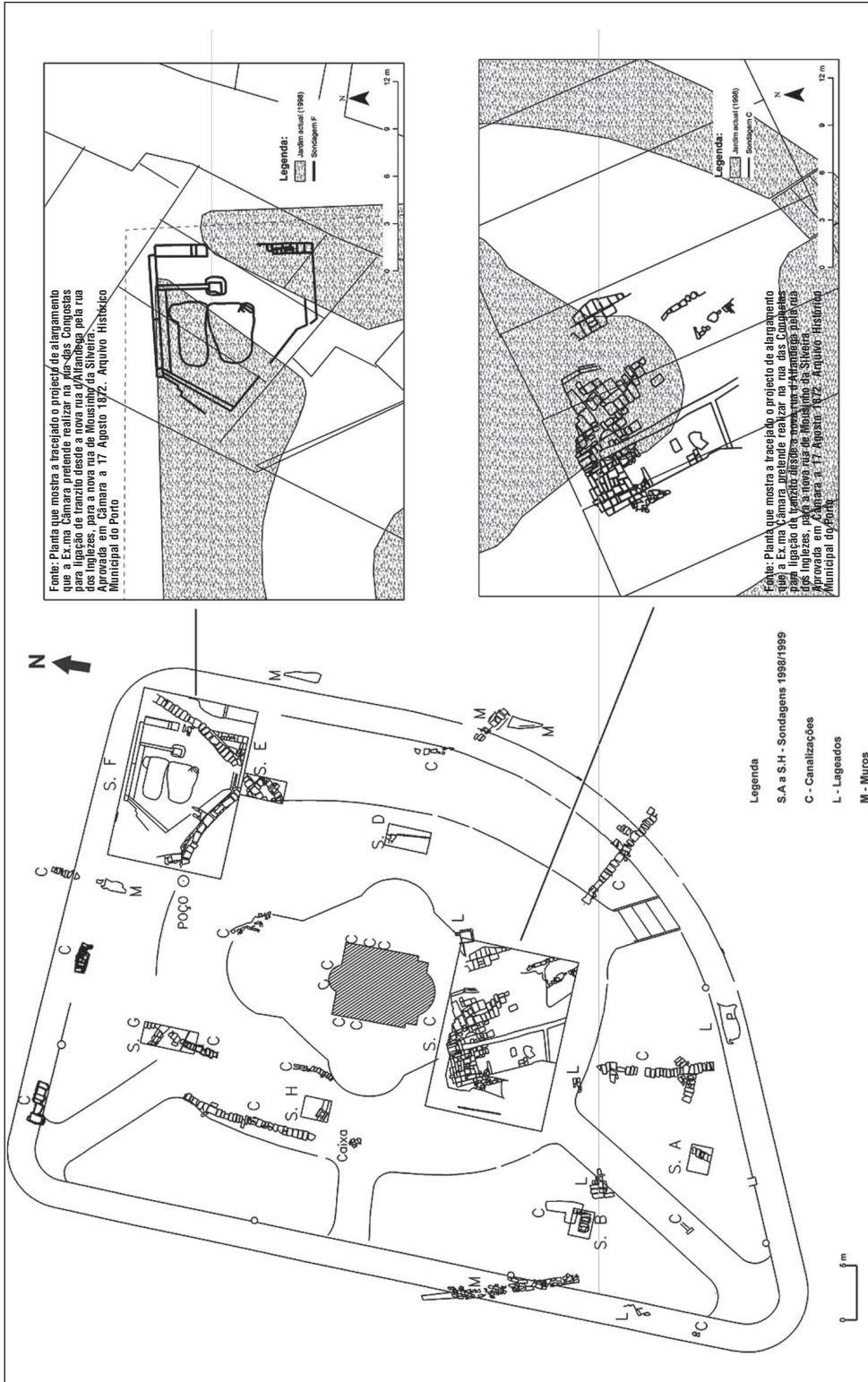
<sup>18</sup> SERÉN & PEREIRA, 1994: 387.

<sup>19</sup> AHMP – Catálogo dos livros de plantas, 1982, p. 20.

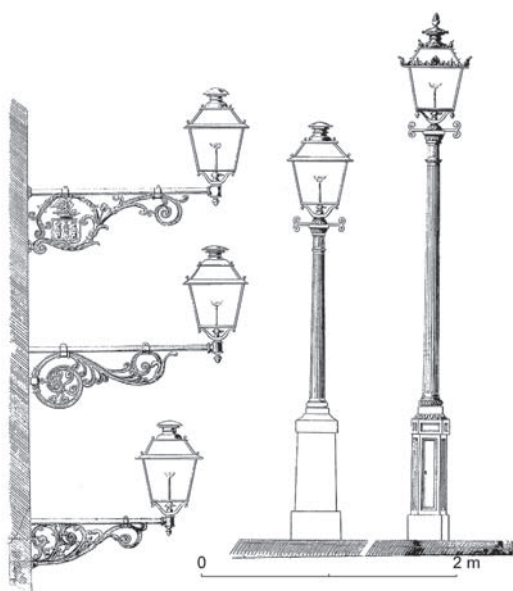
<sup>20</sup> AHMP – Catálogo dos livros de plantas, 1982, p. 24.

<sup>21</sup> SERÉN & PEREIRA, 1994: 392.





**Figura 5** – Levantamento topográfico da Praça do Infante D. Henrique com a implantação das estruturas detectadas durante as intervenções arqueológicas, contrapondo-se as estruturas habitacionais detectadas nas sondagens F e C com a planta de 1872.



Candelabros e Consolas para servir á iluminação a Gás da Cidade do Porto, Hardy Hislop 1854. In *Catálogo dos Livros de Plantas* n.º 326 (AHMP, L 3 n.º 60)

**Figura 6** – Esquemas de consolas e candeeiros para a iluminação a gás.

De salientar que relativamente às reconstruções de canalizações efectuadas nessa altura, existiam queixas da Companhia de Gás (ofício de 15 de Maio de 1884) referindo danos ao material e canalizações da iluminação pública, e lembrando a conveniência de que os trabalhos da Companhia das Águas deveriam ser fiscalizados por um empregado da Companhia de Gás<sup>22</sup>.

Na Praça do Infante não foram reconstruídas as canalizações, no entanto, a sondagem A apresenta uma sem a caixa colectora, colocando-se a hipótese de que tenha havido uma verificação do seu estado de conservação e remoção das pedras da caixa colectora para outras estruturas com o mesmo fim.

Os encanamentos em pedra que surgiram nas sondagens são bem estruturados, capeados e revestidos a argamassa e assentes em rocha base e/ou alteados com terra. Alguns estarão relacionados com a construção do jardim, outros mais antigos poderão ter sido aproveitados no decurso dos tempos.

É relativamente interessante verificar, que apesar de tudo, se salvaram os alicerces do prédio construído na antiga Rua das Congostas n.º 23, e a um nível inferior, os vestígios de uma oficina cerâmica (sondagem F) (Figura 7), assim como uma espécie de saguão, devidamente lajeado, pertencente aos edifícios da fachada Sul da Praça (sondagem C) (Figura 8).

Todas estas reestruturações explicam as perturbações estratigráficas detectadas, com uma simultaneidade de materiais que vão desde a época romana (raros) ao século XX.

Durante a fase de acompanhamento arqueológico, constatou-se que as áreas das sondagens C e F eram efectivamente aquelas que melhor preservaram a sequência crono estratigráfica, principalmente no que diz respeito às estruturas conectadas com o quarteirão de habitações. No entanto, os dados arqueológicos não nos permitem recuar a datação das edificações para além do século XVII, ainda que esta zona esteja documentada, pelo menos, desde a época medieval. A comprovar materialmente esta ocupação mais antiga temos algum espólio cerâmico e numismático medieval, encontrado descontextualizado durante a intervenção, e possivelmente, os ténues alinhamentos localizados no limite Sudeste da sondagem C (1999), cuja continuidade não foi possível comprovar em fase de acompanhamento.

<sup>22</sup> AHMP – Livro de Próprias, 165, Fl. 130, e Livro das Actas das Vereações, 130, Fl. 104v.





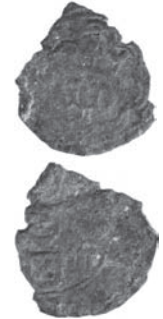




**Figura 7** – Estruturas identificadas na sondagem F, destacando-se o interface na rocha base, relacionado com a Oficina Cerâmica.

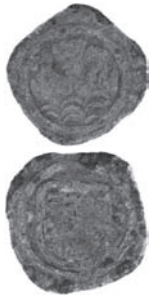
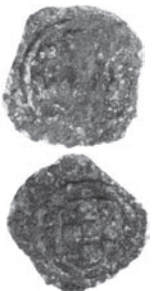

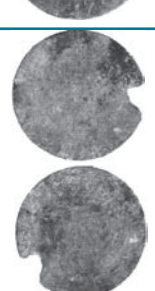












**Figura 8** – Compartimento lajeado e com escoamento na sondagem C.


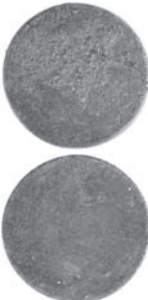
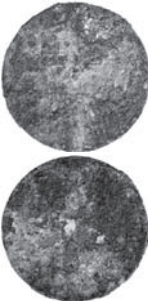


**Quadro 1:** Espólio numismático (classificação realizada por Isabel Lopes)

<p>Zona: PIF 00 C Identificação: Cronologia: Anverso: Reverso: Eixo: Peso: Diâmetro maior: Bibliografia:</p>	<p>U.E.: 1002 Providentia Caess 325-326 d.C. CONSTANTINVS IVN NOBC Busto laureado de Constantino voltado à esquerda. PROVIDEN-TIAE CAESS Campo de batalha com duas torres sem porta. Estrela sobre as torres. 5 2,20 g 16,73 mm RIC VII, 123; L.R.B.C., p. 26 n.º 1097.</p>	<p>N.º: 37  Suporte: Bronze   Centro emissor: Nicomédia Espessura: 1,52 mm Diâmetro menor: 16,68 mm</p>	
<p>Zona: PIF 98 D Identificação: Cronologia: Anverso: Reverso: Eixo: Peso: Diâmetro maior: Bibliografia:</p>	<p>U.E.: 312 Muito fragmentada o que impossibilita a classificação. Medieval Impossível a sua classificação. Impossível a sua classificação. - 0,43 g 18,69 mm -</p>	<p>N.º: 4  Suporte: Cobre   Centro emissor: - Espessura: 0,97 mm Diâmetro menor: 9,41 mm</p>	
<p>Zona: PIF 98 F Identificação: Cronologia: Anverso: Reverso: Eixo: Peso: Diâmetro maior: Bibliografia:</p>	<p>U.E.: 06 Ceítíl D. Duarte (1433-1438) (...) Ao centro encontram-se as letras monográficas E D coroadas e envoltas por uma cercadura formada por pequenos arcos. (...) DVS + R (...) Ao centro encontram-se as quinas em forma de cruz cantonadas por castelos. 1 0,77 g 17,45 mm VAZ &amp; SALGADO, 1984: 123, Du.16-17.</p>	<p>N.º: 22  Suporte: Cobre   Centro emissor: Lisboa Espessura: 0,91 mm Diâmetro menor: 14,61 mm</p>	
<p>Zona: PIF 98 C Identificação: Cronologia: Anverso: Reverso: Eixo: Peso: Diâmetro maior: Bibliografia:</p>	<p>U.E.: 705 Real Preto D. Afonso V (1438-1481) AD (...) U Ao centro encontra-se a letra monográfica A coroada. + A (...) X . POR (...) Ao centro escudos em forma de cruz. 2 0,75 g 18,04 mm VAZ &amp; SALGADO, 1984: 149, A5.127.</p>	<p>N.º: 39  Suporte: Cobre   Centro emissor: Lisboa Espessura: 0,81 mm Diâmetro menor: 17,52 mm</p>	
<p>Zona: PIF 98 C Identificação: Cronologia: Anverso: Reverso: Eixo: Peso: Diâmetro maior: Bibliografia:</p>	<p>U.E.: 900 Ceítíl D. Afonso V (1438-1481) (...) Q (...) Ao centro muralha comprida e baixa com torres que tocam na muralha, e mar de ondas contínuas. (...) E + E Escudo ladeado e encimado por cruzes. 11 1,57 g 20,64 mm MAGRO, 1986: 66, n.º 1.3.4</p>	<p>N.º: 27  Suporte: Cobre   Centro emissor: Lisboa Espessura: 1,02 mm Diâmetro menor: 19,67 mm</p>	

**Quadro 1:** Espólio numismático (classificação realizada por Isabel Lopes) (continuação)

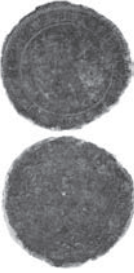
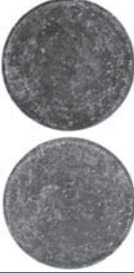



<i>Zona:</i> PIF 98 G	<i>U.E.:</i> 105	<i>N.º:</i> 24	
<i>Identificação:</i> Ceitil			
<i>Cronologia:</i> D. Manuel I / D. João III (1495-1557)		<i>Suporte:</i> Cobre	
<i>Anverso:</i> (...) N (...) Ao centro castelo com torres junto à muralha com porta central; mar de ondas soltas. (...)			
<i>Reverso:</i> Escudo rodeado por aneletes, com escudetes cantonados por quatro castelos.			
<i>Eixo:</i> 11		<i>Centro emissor:</i> Lisboa (?)	
<i>Peso:</i> 1,45 g		<i>Espessura:</i> 1,10 mm	
<i>Diâmetro maior:</i> 16,08 mm		<i>Diâmetro menor:</i> 15,87 mm	
<i>Bibliografia:</i> MAGRO, 1986: 189, n.º 2.1.8 ou p. 215, n.º 2.1.5.			
<i>Zona:</i> PIF 98 D	<i>U.E.:</i> 312	<i>N.º:</i> 3	
<i>Identificação:</i> Ceitil			
<i>Cronologia:</i> D. João III (1521-1557)		<i>Suporte:</i> Cobre	
<i>Anverso:</i> (...) Castelo com muralha bipartida e mar de ondas soltas.			
<i>Reverso:</i> 1 (O) (...) Escudo do quarto tipo rodeado por aneletes, e escudetes com bezantes incusos.			
<i>Eixo:</i> 2		<i>Centro emissor:</i> Lisboa (?)	
<i>Peso:</i> 0,89 g		<i>Espessura:</i> 0,77 mm	
<i>Diâmetro maior:</i> 19,66 mm		<i>Diâmetro menor:</i> 18,36 mm	
<i>Bibliografia:</i> MAGRO, 1986: 215, n.º 2.1.5.			
<i>Zona:</i> PIF 00 C	<i>U.E.:</i> 1002	<i>N.º:</i> 1	
<i>Identificação:</i> V Réis			
<i>Cronologia:</i> D. João V (1737-1746)		<i>Suporte:</i> Cobre	
<i>Anverso:</i> IOANNES . V (...) EI (...) RATIA Ao centro escudo português coroado.			
<i>Reverso:</i> PORTUGALIAE . ET . ALGARBIORUM . REX Ao centro V ladeado por duas rosetas sobre a data. Todos estes elementos encontram-se envoltos por uma grinalda.			
<i>Eixo:</i> 12		<i>Centro emissor:</i> Lisboa	
<i>Peso:</i> 5,83 g		<i>Espessura:</i> 1,35 mm	
<i>Diâmetro maior:</i> 28,58 mm		<i>Diâmetro menor:</i> 28,42 mm	
<i>Bibliografia:</i> VAZ & SALGADO, 1984: 379, n.º J5.492-497			
<i>Zona:</i> PIF 00 C	<i>U.E.:</i> 1002	<i>N.º:</i> 29	
<i>Identificação:</i> X Réis			
<i>Cronologia:</i> D. José I (1738-1765)		<i>Suporte:</i> Cobre	
<i>Anverso:</i> IOSE (...) HUS . DE (...) RAT (...) Ao centro escudo português coroado.			
<i>Reverso:</i> (...)			
<i>Eixo:</i> -		<i>Centro emissor:</i> Lisboa	
<i>Peso:</i> 9,32 g		<i>Espessura:</i> 1,36 mm	
<i>Diâmetro maior:</i> 34,02 mm		<i>Diâmetro menor:</i> 33,54 mm	
<i>Bibliografia:</i> VAZ & SALGADO, 1984: 396, n.º Jo.169 A - 180A.			
<i>Zona:</i> PIF 00 C	<i>U.E.:</i> 1002	<i>N.º:</i> 28	
<i>Identificação:</i> V Réis			
<i>Cronologia:</i> D. José I (1764)		<i>Suporte:</i> Cobre	
<i>Anverso:</i> JOSEPHUS . DEI . GRATIA Ao centro escudo português coroado.			
<i>Reverso:</i> PORTUGALIAE . ET . ALGARBIORUM . REX Ao centro V ladeado por duas rosetas sobre a data. Todos estes elementos encontram-se envoltos por uma grinalda.			
<i>Eixo:</i> 12		<i>Centro emissor:</i> Lisboa	
<i>Peso:</i> 5,91 g		<i>Espessura:</i> 1,34 mm	
<i>Diâmetro maior:</i> 29,67 mm		<i>Diâmetro menor:</i> 29,51 mm	
<i>Bibliografia:</i> VAZ & SALGADO, 1984.			

**Quadro 1:** Espólio numismático (classificação realizada por Isabel Lopes) (continuação)

<p>Zona: PIF 98 E                      Identificação: X Réis                      Cronologia: D. José I (1764)                      Anverso: (...)EPHU(...)                      Escudo português.                      Reverso: . (R)EX +PORTUGALIAE . ET . ALGARBIORUM                      Ao centro X ladeado por duas flores sobre 1764, envolto numa coroa de louros.</p>	<p>U.E.: 202                      X Réis                      D. José I (1764)                      (...)EPHU(...)                      ?                      9,89 g                      33,31 mm                      VAZ &amp; SALGADO, 1984: 396, Jo.179 A</p>	<p>N.º: 71                      Suporte: Cobre                      Centro emissor: Lisboa                      Espessura: 1,46 mm                      Diâmetro menor: 33,30 mm</p>	
<p>Zona: PIF 98 C                      Identificação: Pataco                      Cronologia: D. João VI (1822)                      Anverso: (...)                      Busto de D. João VI voltado à direita.                      Reverso: (...) PUBLICA (...)                      Ao centro escudo português redondo coroado.</p>	<p>U.E.: 706                      Pataco                      D. João VI (1822)                      (...)                      -                      35,96 g                      35,61 mm                      VAZ &amp; SALGADO, 1984: 433.</p>	<p>N.º: 7                      Suporte: Bronze                      Centro emissor: Lisboa                      Espessura: 4,91 mm                      Diâmetro menor: 35,34 mm</p>	
<p>Zona: PIF 98 C                      Identificação: III Réis                      Cronologia: D. Luís (1874)                      Anverso: (...)                      Ao centro escudo português coroado.                      Reverso: (...) RTUGALAE (...)ORUM (...) 874                      Ao centro III dentro de uma coroa de louros.</p>	<p>U.E.: 904                      III Réis                      D. Luís (1874)                      (...)                      -                      2,53 g                      23,62 mm                      VAZ &amp; SALGADO, 1984: 475, n.º LU.152.</p>	<p>N.º: 36                      Suporte: Cobre                      Centro emissor: Lisboa                      Espessura: 1,13 mm                      Diâmetro menor: 23,45 mm</p>	
<p>Zona: PIF 98 F                      Identificação: XX Réis                      Cronologia: D. Luís (1884)                      Anverso: D. Luiz . I . REI . DE . PORTUGAL                      Busto de D. Luís voltado à esquerda.                      Reverso: Ao centro XX réis; 1884 envolto por uma coroa de louros.</p>	<p>U.E.: 09                      XX Réis                      D. Luís (1884)                      D. Luiz . I . REI . DE . PORTUGAL                      Busto de D. Luís voltado à esquerda.                      Ao centro XX réis; 1884 envolto por uma coroa de louros.</p>	<p>N.º: 7                      Suporte: Cobre                      Centro emissor: Lisboa                      Espessura: 2,17 mm                      Diâmetro menor: 30,00 mm</p>	
<p>Zona: PIF 98 C                      Identificação: Pfenning alemão                      Cronologia: 1888                      Anverso: PFENNING . DEUTSCHES REICH 1888 .                      Ao centro 1.                      Reverso: Águia coroada com asas pequenas.</p>	<p>U.E.: 704                      Pfenning alemão                      1888                      PFENNING . DEUTSCHES REICH 1888 .                      Ao centro 1.                      6                      1,97 g                      17,77 mm                      CUHAJ, 2009: 533.</p>	<p>N.º: 10                      Suporte: Cobre                      Centro emissor: Berlim                      Espessura: 1,14 mm                      Diâmetro menor: 17,74 mm</p>	











**Quadro 1:** Espólio numismático (classificação realizada por Isabel Lopes) (continuação)

<p>Zona: PIF 98 F Identificação: 5 REIS Cronologia: D. Carlos I (1892) Anverso: CARLOS I REI DE PORTUGAL . 1892 Busto de D. Carlos voltado à direita. Reverso: 5 REIS envolto por coroa de louros. Eixo: 6 Peso: 2,09 g Diâmetro maior: 19,84 mm Bibliografia: VAZ &amp; SALGADO, 1984: 486, Ca.45</p>	<p>U.E.: 09 N.º: 5 Suporte: Cobre Centro emissor: Lisboa Espessura: 1,25 mm Diâmetro menor: 19,81 mm</p>	
<p>Zona: PIF 98 G Identificação: 5 Réis Cronologia: D. Carlos I (1905) Anverso: . CARLOS I REI DE PORTUGAL . 1905 Busto de D. Carlos voltado à direita. Reverso: 5 REIS envolto por coroa de louros. Eixo: 5 Peso: 2,85 g Diâmetro maior: 20,67 mm Bibliografia: VAZ &amp; SALGADO, 1984: 486, Ca.53.</p>	<p>U.E.: 105 N.º: 1 Suporte: Cobre Centro emissor: Lisboa Espessura: 1,31 mm Diâmetro menor: 20,63 mm</p>	
<p>Zona: PIF 98 A Identificação: X Centavos Cronologia: 1949 Anverso: + REPUBLICA . PORTVGUESA + 1949 Ao centro as cinco quinas em forma de cruz. Reverso: Ao centro X centavos sobre ramagens. Eixo: 6 Peso: 1,86 g Diâmetro maior: 17,63 mm Bibliografia: VAZ &amp; SALGADO, 1984: 511, R2.61</p>	<p>U.E.: 500 N.º: 8 Suporte: Bronze Centro emissor: Lisboa Espessura: 1,03 mm Diâmetro menor: 17,44 mm</p>	
<p>Zona: PIF 98 F Identificação: X centavos Cronologia: 1956 Anverso: + REPUBLICA PORTUGUESA + 1956 Ao centro as cinco quinas em forma de cruz. Reverso: Ao centro X centavos sobre ramagens. Eixo: 6 Peso: 1,99 g Diâmetro maior: 17,45 mm Bibliografia: VAZ &amp; SALGADO, 1984: 511, R2.68.</p>	<p>U.E.: 000 N.º: 12 Suporte: Bronze Centro emissor: Lisboa Espessura: 1,19 mm Diâmetro menor: 17,43 mm</p>	
<p>Zona: PIF 98 F Identificação: 20 Centavos Cronologia: 1972 Anverso: + REPUBLICA PORTUGUESA + 1972 Ao centro as cinco quinas em forma de cruz. Reverso: Ao centro 20 centavos sobre ramagens. Eixo: 6 Peso: 1,75 g Diâmetro maior: 16,20 mm Bibliografia: VAZ &amp; SALGADO, 1984: 513.</p>	<p>U.E.: 800 N.º: 8 Suporte: Bronze Centro emissor: Lisboa Espessura: 1,33 mm Diâmetro menor: 16,13 mm</p>	



**Quadro 1:** Espólio numismático (classificação realizada por Isabel Lopes)

Zona: PIF 98 A	U.E.: 500	N.º: 7	
Identificação:	2\$50		
Cronologia:	1977	Suporte: Cuproníquel	
Anverso:	REPUBLICA PORTUGUESA 1977 Ao centro caravela portuguesa.		
Reverso:	Ao centro escudo português ladeado por 2 asteriscos.		
Eixo:	6	Centro emissor: Lisboa	
Peso:	3,38 g	Espessura: 1,47 mm	
Diâmetro maior:	20,09 mm	Diâmetro menor: 19,79 mm	
Bibliografia:	VAZ & SALGADO, 1984: 519, R2.85 H.		
Zona: PIF 98 A	U.E.: 500	N.º: 9	
Identificação:	50 Centavos		
Cronologia:	1979	Suporte: Bronze	
Anverso:	+ REPUBLICA . PORTUGUESA + 1979 Ao centro as cinco quinas em forma de cruz.		
Reverso:	Ao centro 50 centavos sobre cinco espigas de trigo.		
Eixo:	6	Centro emissor: Lisboa	
Peso:	4,38 g	Espessura: 1,69 mm	
Diâmetro maior:	22,53 mm	Diâmetro menor: 22,30 mm	
Bibliografia:	VAZ & SALGADO, 1984: 519, R287J.		
Zona: PIF 98 F	U.E.: 000	N.º: 1	
Identificação:	2\$50		
Cronologia:	1981	Suporte: Cuproníquel	
Anverso:	REPUBLICA PORTUGUESA 1981 Ao centro caravela portuguesa.		
Reverso:	Ao centro escudo português ladeado por dois asteriscos,		
Eixo:	6	Centro emissor: Lisboa	
Peso:	3,45 g	Espessura: 1,52 mm	
Diâmetro maior:	19,97 mm	Diâmetro menor: 19,85 mm	
Bibliografia:	VAZ & SALGADO, 1984: 519, R2.84 L.		

## 4. O ESPÓLIO ARQUEOLÓGICO

Entre cerâmicas comuns, faianças e porcelanas datadas da época moderna e contemporânea, assim como azulejos e vidros, apareceu uma grande quantidade de pregos, escórias, placas e aros em ferro.

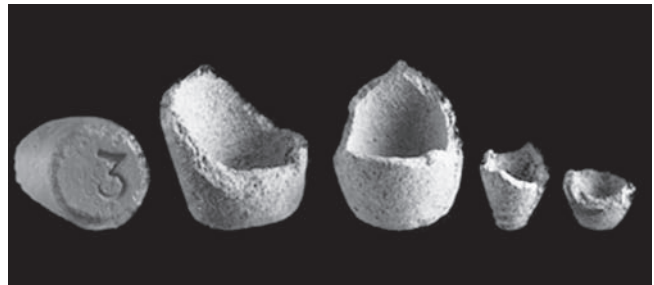
Os aros de ferro surgiram na sondagem C, sendo alguns de grandes dimensões, podendo-se colocar a hipótese de tratar-se de vestígios de uma actividade artesanal, como seja a tanoaria, já que a tipologia dos aros para isso aponta, e já que existem também registos bibliográficos que nos referem tal actividade. Não obstante, temos sempre que contar que estamos perante níveis de revolvimento e entulho, o que dificulta a interpretação.

Foram ainda exumados materiais cerâmicos interessantes do século XVIII/XIX, como sejam garrafas em grés, importadas de Amesterdão, uma das quais com a inscrição [WYNAND F]OCKINK / [AMEST]ERDAM; fragmentos cerâmicos de cachimbos, um deles com a inscrição 73 W. WHITE / GLASGOW; um dedal em bronze; alfinetes em cobre; um botão de punho com o monograma F. Quanto às faianças identificaram-se cerâmicas da Fábrica de Massarelos no Porto, fragmentos cerâmicos (sem marca)

possivelmente do século XIX da Fábrica de Sacavém, e com a marca DAVENPORT (Longport, Inglaterra). No que diz respeito às porcelanas, alguns dos fragmentos exumados são provenientes da Fábrica Vista Alegre, Ílhavo (Aveiro), referindo-se ainda uma bonita tampa de recipiente de um produto de beleza com a seguinte inscrição: CHERR...PATR... / PREPARED FOR BEAUTIFYNG...(S. C).

De salientar a presença de cerâmica comum vermelha de Aveiro e Ovar e comum preta de Coimbrões, assim como provenientes dos centros oleiros do Prado ou Bisalhães.

A sondagem F revelou materiais notáveis, como azulejos atribuíveis à Fábrica de Massarelos, sem marca, do século XIX; grande quantidade de moldes de peças cerâmicas em cerâmica; um molde de arrecada (Figura 9); um Santo pintado; cadinhos para solda (Figura 10); e garrafas em grés com marca de Amesterdão. Nesta sondagem, registou-se igualmente o aparecimento de tijolos queimados e algumas pedras de xisto com restos de fundição. Como existem registos bibliográficos referindo que as peças cerâmicas eram cozidas em fornos de pão, e a avaliar pelos fragmentos obtidos, poderemos colocar a hipótese de neste local ter existido um.



**Figura 9** – Molde de arrecada exumado da sondagem F. **Figura 10** – Cadinhos exumados da sondagem F.

Os fragmentos de material de construção encontrados foram tijolos. No material de revestimento evidenciam-se fragmentos de azulejos (sem marca) atribuíveis às produções da Fábrica de Massarelos datados de meados do século XIX, bem como outros fragmentos provenientes da Fábrica das Devesas, Vila Nova de Gaia, provavelmente de finais século XIX / inícios do século XX.

De referir que também foram exumados, embora descontextualizados, materiais de épocas anteriores. Nomeadamente, da época romana surgiram duas tesselas (sondagem A), um fundo de ânfora (sondagem G), um fundo de *sigillata* hispânica (sondagem D) e uma moeda (sondagem C) datada do século IV (*Providentia caess / Constantinus*, 325-326 d.C.); e da medieval identificaram-se cerâmicas, quer na sondagem D, quer na C, onde foi

encontrado um bico de Pichel datado do século XIII. Com cronologia do século XVI foram exumados três fragmentos de azulejos Hispano-Árabes provenientes das sondagens C e H.

## 5. OFICINA DE OLARIA


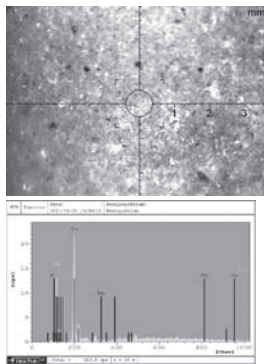
O conjunto de moldes, dado o interesse que suscitou, principalmente por ser invulgar um tão grande número (Quadro 2), foi cuidadosamente estudado.

**Quadro 2:** Contabilização dos moldes e figuras existentes

IDENTIFICAÇÃO	MOLDES	FIGURAS CERÁMICAS	TOTAL
PIF 98 F UE0014	76	11	87
PIF 98 F UE0019	45	117	162
PIF 98 F UE0034	-	13	13
PIF 98 F UE0800	70	5	75
PIF 98 F UE0802	14	5	19
PIF 98 F UE0806	291	54	345
PIF 99 F UE2000	1	-	1
PIF 00 F UEAA	3	-	3
<b>Total</b>	<b>500</b>	<b>204</b>	<b>704</b>

As argilas utilizadas para a produção dos moldes detêm características idênticas, nomeadamente a tonalidade avermelhada e pastas muito depuradas ao nível de desengor-durantes, ou seja a quase ausência de micas, feldspatos e outros, comumente presentes noutro tipo de cerâmicas. No entanto, mantêm um elemento – o ferro, que por questões tecnológicas não foi passível de extracção, sendo os seus teores consideravelmente elevados, mormente acima dos 50% (Quadro 3).

**Quadro 3:** Identificação dos elementos químicos dominantes através do método de fluorescência de raios X (XRF). As análises foram realizadas na Contrastaria do Porto, utilizando-se o Spectro X-Test com uma profundidade de campo de 3 µm







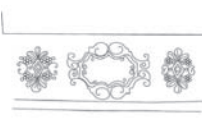
REVERSO DE UM MOLDE	ELEMENTOS QUÍMICOS DETECTADOS	ESPECTRO
	59,89% Fe 14,82 % K 0,81 % Ti 3,44 % Ca 4,69 % Pb 4,27 % Cs 5,69 % Ba 6,38% Sb	

Os tamanhos das peças são muito diversificados, dependendo da sua funcionalidade, particularmente no que diz respeito à criação de um objecto, ou parte dele, ou à elaboração de apenas um elemento decorativo para posterior aplicação (Quadro 4).

**Quadro 4:** Motivos decorativos

IDENTIFICAÇÃO	ELEMENTOS DECORATIVOS	PROFUNDIDADE MÉDIA DO TRAÇO (MM)	ESQUEMA
Aplicação 1	- reticulado	0,75 mm	
Aplicação 2	- caneluras verticais - estrias e arestas vivas	1,03 mm 1,83 mm 2,17 mm 2,32 mm	
Aplicação 3	- gomos	1,36 mm 2,09 mm 2,80 mm	
Aplicação 4	- escamas	1,13 mm 1,31 mm	
Aplicação 5	- folha de acanto	1,56 mm	
Aplicação 6	- motivos fitomórficos	1,76 mm 1,94 mm 2,32 mm	
Aplicação 7	- modilhão - perfil S invertido	3,00 mm 3,24 mm	
Aplicação 8	- roseta - floreta	1,98 mm 2,20 mm 2,69 mm 3,38 mm	

**Quadro 4:** Motivos decorativos (continuação)

IDENTIFICAÇÃO	ELEMENTOS DECORATIVOS	PROFUNDIDADE MÉDIA DO TRAÇO (MM)	ESQUEMA
Aplicação 9	- motivos ondulantes	0,88 mm	
		1,58 mm	
		1,99 mm	
		2,24 mm	
Composição 1	- florão	1,40 mm	
	- folhas	1,25 mm	
	- festão	2,02 mm	
	- reticulado		
Composição 2	- gomos	0,98 mm	
	- estrias	1,39 mm	
	- caneluras	2,36 mm	
Composição 3	- fitomórficos	1,02 mm	
	- estrias	1,81 mm	
	- caneluras	2,34 mm	
	- festão	0,95 mm	
Composição 4	- caneluras	1,44 mm	
		2,63 mm	
		3,02 mm	
Composição 5	- fitomórficos	0,52 mm	
		0,99 mm	
		1,21 mm	
Composição 6	- festões	1,50 mm	
	- fitomórficos	1,61 mm	
	2,10 mm		
	2,69 mm		

O registo bibliográfico, como já referido, aponta para a existência de uma olaria, o que de facto se consubstanciou quer nos fragmentos de estatuetas exumados, quer nos moldes para a sua produção. Persiste um domínio da temática religiosa, encontrando-se também patente a histórica e a zoológica (Quadro 5).



**Quadro 5:** Moldes para pequenas peças pertencentes a outros objectos de maiores dimensões

IDENTIFICAÇÃO	ELEMENTOS DECORATIVOS	ESQUEMA / FOTO
Espingarda	1,45 mm; 2,07 mm; 2,45 mm; 2,91 mm.	
Bastão	1,87 mm; 2,07 mm; 2,32 mm; 2,72 mm; 3,51 mm.	
Pendente espiralado	1,93 mm; 2,00 mm; 3,21 mm.	
Imagens religiosas, históricas, militares, mitológicas e zoomórficas	0,58 mm; 0,90 mm; 1,27 mm; 1,37 mm; 1,76 mm; 2,09 mm; 2,31 mm; 2,70 mm; 3,03 mm; 4,66 mm; 10,47 mm.	

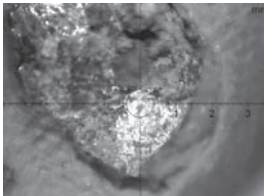
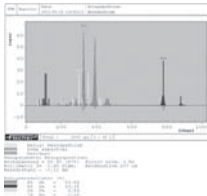
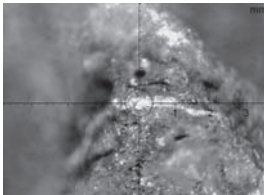
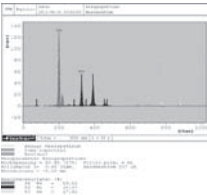
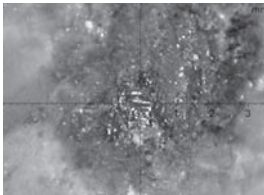
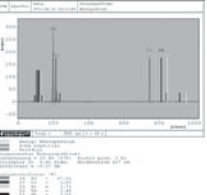
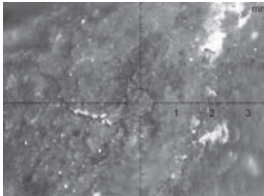
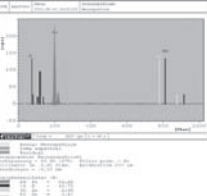
A criação destas estatuetas passaria por um processo de moldagem, ou seja, pressionando o barro contra o molde previamente isolado com pó de talco por exemplo, para evitar a fusão das argilas. Após um compasso de espera, o barro seria cuidadosamente removido do molde, montando-se o objecto pretendido, que poderia ser constituído por diversos elementos. Uma vez a peça colada, então seria submetida ao forno, bastando apenas uma temperatura de 800/900° C<sup>23</sup>. A peça finalizada seria pintada.

Não obstante o trabalho de olaria, alguns dos moldes também foram utilizados para a laboração do metal, facto que não é inédito encontrando-se também presente numa oficina de oleiro em Guimarães (FERNANDES *et al.*, 2009: 150, nota 53).

Nas análises efectuadas a alguns moldes (peças 4 e 5) e não tomando em consideração o ferro, verifica-se que se está na presença de uma liga de chumbo e estanho (Quadro 6). Tendo em atenção o diagrama de fases destas ligas, poder-se-á alvittrar uma liga de chumbo e estanho com um intervalo de fusão entre os 183° C e os 255° C.






<sup>23</sup> Agradecem-se as preciosas informações e a disponibilidade do Sr. Rangel, Cerâmica de Valadares.

**Quadro 6:** Identificação dos elementos químicos dominantes em moldes através do método de fluorescência de raios X (XRF). As análises foram realizadas na Contrastaria do Porto, utilizando-se o Spectro X-Test com uma profundidade de campo de 3 µm

N.º PEÇA	FOTOGRAFIA DA PEÇA ANALISADA	ELEMENTOS QUÍMICOS DETECTADOS	ESPECTRO
Peça 4		59,82% Pb 33,15% Sn 6,86% Fe 0,18% Au	
Peça 5		52,12% Fe 30,47% Pb 17,41% Sn	
Peça 11		97,31% Fe 0,50% Co 0,71% Sn 0,48% Te 0,55% Sb 0,45% In	
Peça 14		52,22% Fe 43,72% S 2,99% Zn 0,67% Sn 0,40% Sb	

A junção de cada uma das peças varia, podendo ser utilizados diversos métodos, sendo que a junção dos moldes selados com barro e os que apresentam jitos de vazamento serão utilizados para o metal (Quadro 7).

**Quadro 7:** Encaixe e vazamento

	Junção de partes trabalhadas em moldes separados		
Encaixe	Junção dos moldes com cerâmica		Peça com uma junção de positivo / negativo, que foi selado com cerâmica
	Marcação dos moldes com sistema de positivo/negativo		
	Marcação dos moldes por incisão		
Vazamento	Jito		Os jitos apresentam as seguintes profundidades: 0,79 mm; 1,30 mm; 2,05 mm

Este método ainda hoje é utilizado por oleiros.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em conta todos os dados compilados ao longo das diferentes fases de trabalho, é possível propor uma sequência de ocupação para a Praça do Infante.

A ocupação em época medieval está comprovada documentalmente com a construção dos Conventos de S. Francisco em 1233 e de S. Domingos em 1239, cujas cercas se estenderiam até à Praça. Como já referido, não foram identificadas estruturas para esta época, apesar de existir espólio de cronologia medieval e mesmo romano<sup>24</sup>. A construção do quarteirão e posteriormente da Praça, parece ter irremediavelmente destruído os registos mais antigos. Por outro lado, a importância desta zona reflecte-se na decisão régia durante o século XIV de construir a Alfândega e a Rua Nova<sup>25</sup>, que começava na Rua dos Mercadores e terminava junto a S. Francisco. Ainda nesta época, regista-se já a existência da Rua das Congostas que se desenvolvia desde o Largo de S. Domingos até à Rua da Alfândega.

Na época moderna, pelo menos no século XVII, podemos enquadrar as estruturas de edifícios na sondagem C, visto que nos negativos do lajeado foi recolhida uma moeda do século XVII, assim como os vestígios da oficina cerâmica detectada na sondagem F e ainda os lajeados e muros identificados durante o acompanhamento arqueológico. De

<sup>24</sup> Não podemos esquecer que, aqui próximo, na Casa do Infante, foram identificados importantes vestígios romanos.

<sup>25</sup> AMARAL & DUARTE, 1985.

acordo com os dados documentais, o quarteirão estender-se-ia desde o limite Nordeste da Praça até ao Sudoeste, sendo o restante espaço ocupado por quintais. Efectivamente, as intervenções e acompanhamento arqueológicos apenas detectaram nesta área a existência de canalizações relacionadas já com a construção da Praça.

Em 1838, a construção da Rua Ferreira Borges provocou a destruição de algumas das casas no limite Sudoeste da Praça, e em 1876 iniciou-se a construção do segundo troço da Mouzinho da Silveira que motivaria a destruição da Rua das Congostas até à Rua Nova. Apesar de os terrenos já estarem em fase de desalojamento, foi ainda autorizada em 1877 a construção do edifício identificado na sondagem F, posteriormente expropriado em 1883 para construção da Praça do Infante D. Henrique inaugurada em 1885. Terá sido neste intervalo de dois anos que foi demolido todo o quarteirão e reorganizadas todas as infra-estruturas que serviriam o futuro Jardim. Desta fase são grande parte das canalizações identificadas.

Construída a Praça com o seu Jardim em 1894 foi inaugurada a estátua do Infante D. Henrique, cuja sapata assenta sobre um complexo de canalizações que estariam relacionadas com o antigo quarteirão.

Em finais do século XIX/inícios do século XX terá sido introduzida a canalização para a iluminação a gás da Praça. Dado que alguns dos seus tubos aproveitam as canalizações de águas, estas já estariam desactivadas. Posteriormente, estas mesmas canalizações pétreas foram aproveitadas para a introdução de cabos eléctricos.

A Praça permaneceu praticamente inalterada ao longo do século XX, até 1998 altura em que se iniciaram as sondagens arqueológicas de avaliação, tendo a construção do parque de estacionamento subterrâneo início em Maio de 2000 e sendo inaugurado em finais de 2001.

Da organização original da Praça, hoje apenas se mantém a área ocupada e a estátua do Infante (Figura 11), assim como a memória material do que foi exumado nas intervenções arqueológicas e a memória imaterial dos que naquela praça passaram e dela fizeram seu abrigo, até mesmo ao período das intervenções arqueológicas. Curiosamente, o arqueólogo busca incessantemente a cultura material resultado de um passado remoto ou não, com o suposto objectivo de retratar a presença humana de então, ou seja, como um modo de melhor compreender as diferentes formas de viver de outrora; no entanto, parece continuar sempre presente a demanda pelos tão afamados «cacos» ou estruturas, quase relegando para um segundo plano a vivência humana sem a qual nunca a primeira seria possível.

Este trabalho teve como móbil apresentar as rápidas e sucessivas mudanças que ocorreram num pequeno espaço, Praça do Infante, principalmente a partir do século XIX, século de um profundo fervilhar humano, cultural e comercial, o que de facto se reflectiu na tão exímia cultura material detectada.



**Figura 11** – Aspecto actual da Praça D. Infante Henrique.

## BIBLIOGRAFIA

- ABRANCHES, Paula Barreira; SOUSA, Ana (2002) – *Relatório Final do Acompanhamento Arqueológico da construção do Parque de estacionamento Subterrâneo da Praça do Infante*. Porto: Archeo´Estudos, Lda. Relatório policopiado.
- AFPIUA (1998) – *Relatório final: parques de estacionamento – avaliação preliminar do potencial arqueológico do Subsolo da Praça do Infante*. Aveiro: Associação para a Formação Profissional e Investigação da Universidade de Aveiro.
- ALMEIDA, José António Ferreira de, coord. (1988) – *Tesouros artísticos de Portugal*. 3ª reimp., Lisboa: Selecções do Reader's Digest.
- ALVES, Joaquim Jaime B. Ferreira (1988) – *O Porto na época dos Almadás*. Porto: Câmara Municipal do Porto, vol. 1.
- AMARAL, Luís Carlos; DUARTE, Luís Miguel (1986) – *Os homens que pagaram a Rua Nova. Fiscalidade, Sociedade e Ordenamento territorial no Porto Quatrocentista*. «Revista História», vol. VI. Porto: Centro de História da Universidade do Porto.
- AMORIM, Alexandra Agra; PINTO, João Neves (2001) – *Porto d'agoa*. Porto: Serviços Municipalizados de Águas e Saneamento do Porto.
- ASSUNÇÃO, Ana Paula (1997) – *Fábrica de Louça de Sacavém*. Lisboa: Edições INAPA.
- BALDAQUE, Mónica, coord. (1998) – *Fábrica de Massarelos*. Porto: Museu Nacional de Soares dos Reis.
- BRUUN, Patrick M. (1966) – *The roman imperial coinage (RIC). Vol. VII Constantine and Licinius*. London: Spink and Son Ltd.
- CATÁLOGO do III Leilão Vista Alegre. Lisboa: Estar Editora, 1998.



- CMPGAU (1997) – *Relatório de avaliação documental prévia do potencial arqueológico da Praça do Infante D. Henrique*. Porto: Câmara Municipal do Porto/Gabinete de Arqueologia Urbana. Relatório policopiado.
- CUHAJ, George (2009) – *Standard Catalog of World Coins 1801-1900*. Iola: Krause Publications.
- DESCRICÃO histórica das arcas, aquedutos e fontes do Porto ... em 1838. «Tripeiro» (1913), ano 3 (103), p. 484 e 104, p. 507.
- FERNANDES, Isabel Maria; MOSCOSO, Patrícia; SILVA, João Ribeiro da; MILHAZES, Maria Cláudia (2009) – *A louça preta de Bisalhães (Mondrões, Vila Real)*. Vila Real / Barcelos: Museu de Arqueologia e de Numística de Vila Real / Museu da Olaria.
- FONTES, Adriano (1908) – *Contribuição para a Higiene do Porto. Analyse Sanitária do seu Abastecimento em Água Potável*. I. Porto.
- FREITAS, Eugénio Andrea da Cunha e (1999) – *Toponímia Portuense*. Matosinhos: Contemporânea Editora.
- GARRETT, Antão de Almeida (1961) – *Aquedutos, Fontes e Chafarizes do Velho Porto*. «Boletim Cultural», 24 (1/2). Porto: Câmara Municipal do Porto, p. 197-203.
- ITINERÁRIO da Faiança do Porto e Gaia. Porto: Museu Nacional Soares dos Reis, Instituto Português de Museus, 2001.
- MAGRO, Francisco A. Costa (1986) – *Ceitis*. Sintra: Inst. Sintra.
- MARÇAL, Horácio (1968) – *O abastecimento de água à Cidade do Porto e à Vila de Matosinhos*. «Boletim da Biblioteca Pública Municipal de Matosinhos», n.º 15. Matosinhos: Câmara Municipal de Matosinhos.
- MARTINS, Carla Maria Braz (1999) – *Relatório Final da Intervenção Arqueológica realizada na Praça do Infante D. Henrique (S. Nicolau, Porto)*. Porto: Archeo´Estudos, Lda. Relatório policopiado.
- MARTINS, Carla Maria Braz (2000) – *Relatório Final da Intervenção Arqueológica em área na Praça do Infante, Porto*. Porto: Archeo´Estudos, Lda. Relatório policopiado.
- MORENO, Humberto Baquero (1985) – *O fornecimento de água ao Convento de S. Domingos nos séculos XIV e XV*. «Boletim do Arquivo Distrital», n.º 2. Porto: Câmara Municipal do Porto, p. 57-70.
- PACHECO, Helder (1984) – *Porto*. Lisboa: Editorial Presença, p. 91-92.
- REAL, Manuel Luís, coord. (1992) – *Uma cartografia exemplar, o Porto em 1892*. Porto: C. M. P. / AHMP.
- SERÉN, Maria do Carmo; Pereira, Gaspar Martins (1994) – *O Porto Oitocentista*. In RAMOS, L. A. de O., dir. – *História do Porto*. Porto: Porto Editora, p. 376-521.
- SILVA, Francisco Ribeiro da (1994) – *Tempos Modernos*. In RAMOS, L. A. de O., dir. – *História do Porto*. Porto: Porto Editora, p. 254-375.
- SILVA, Germano (2000) – *Fontes e Chafarizes do Porto*. Porto: Serviços Municipalizados de Águas e Saneamento do Porto.
- SIMAS, Filomena; ISIDRO, Sónia (1996) – *Dicionário de Marcas de Faiança e Porcelana Portuguesas*. Lisboa: Estar Editora.
- SOUSA, Armindo (1994) – *Tempos Medievais*. In RAMOS, L. A. de O., dir. – *História do Porto*. Porto: Porto Editora, p. 118-253.
- VASCONCELOS, Maria João, coord. (1996) – *Azulejos no Porto*. Porto: Edições ASA.
- VAZ, J. Ferraro; SALGADO, Javier (1984) – *Livro das moedas de Portugal*. Braga: Barbosa & Xavier.
- VELASQUES, Gabriel Pedro (2001) – *Memórias d'Água. Fontes, Fontanários e Chafarizes*. Matosinhos: Contemporânea Editora.
- VITORINO, Pedro (1931) – *A fonte das Congostas*. «Tripeiro», 4ª série, n.º 7. Porto: Associação Comercial do Porto, p. 98-99 e 102-103.

## FONTES ARQUIVÍSTICAS

Arquivo Histórico Municipal do Porto (AHMP):  
*Catálogo dos livros de plantas*, 1982, p. 20 e 24.  
*Expropriações*, livro 53, f. 1 e livro 61, p. 292.

*Lançamento da Décima da Cidade*, f. 267-279, n.º ref. 1416, e n.º ref. 4458 (1), 2870.

*Obras no abastecimento. «Próprias»*, livro 2, f. 59.

*Plantas de casas*, livro 62, f. 10-12.

*Planta indicando os aquedutos a reconstruir*, in «Documentação da Carta da Cidade», estudos, caixa 2, v. 8 (2).

*Termos diversos*, livro 7, f. 148.

*Livro de Próprias*, 165, Fl. 130.

*Livro das Actas das Vereações*, 130, Fl. 104v.

